

A CERÂMICA E O ERÓTICO: PROBLEMATIZAÇÕES E PROPOSTAS FEMINISTAS

VANESSA CRISTINA DIAS¹; LOREDANA RIBEIRO²

¹Universidade Federal de Pelotas – vanessacristinadias_live.com

²Universidade Federal de Pelotas – loredana.ribeiro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A investigação se baseia na interdisciplinaridade entre a prática artística envolvendo a Cerâmica e as Teorias Feministas. Essa correlação aconteceu despropositadamente, através das provocações suscitadas pelas teorias feministas envolvendo, principalmente, gênero e sexualidade, nas quais encontrei solo fértil para cultivar inúmeros questionamentos. Se unindo à prática da cerâmica, que inaugurou um novo modo de produzir e pensar a arte, procurei nessa pesquisa, fazer uma busca de caminhos poéticos possíveis que dialoguem com as teorias feministas.

A pesquisa estreia uma problematização acerca do Erótico e das minhas experiências com a cerâmica, por entender que ambos convergem para o amadurecimento de uma mulher-educadora-artista em construção. A partir disso, alguns questionamentos emergem: O que entendemos por erótico? Quais os desdobramentos e entrelaçamentos acerca do erótico na produção das cerâmicas?

2. METODOLOGIA

A metodologia conta com uma revisão bibliográfica, utilizando principalmente o pensamento da teórica lésbica, ativista e escritora Audre Lorde, com o texto *Usos do Erótico: O Erótico como Poder* (1984), içando o erótico como uma alternativa feminista e o trabalho da artista visual, psicóloga, pesquisadora e professora, Dr^a Roberta Stubs, com sua tese de doutorado intitulada *A/r/tografia de um corpo-experiência: arte contemporânea, feminismos e produção de subjetividade* (2015) que auxilia nas reflexões acerca de uma produção feminista em Artes Visuais, discutindo a estética, a ética e a política de forma interligada.

Comumente, o erótico está ligado ao sexo, às questões da sexualidade e suas performatividades. O erótico que usaremos aqui não é o mesmo que o senso comum tem como referência. Audre Lorde em *Usos do Erótico: O Erótico como Poder* (1984), explica que:

A palavra *erótico* mesma vem da palavra grega *eros*, a personificação de amor em todos seus aspectos – nascido do Caos, e personificando poder criativo e harmonia. Quando falo do erótico, então, falo dele como uma afirmação da força vital de mulheres; daquela energia criativa empoderada, cujo conhecimento e uso nós estamos agora retomando em nossa linguagem, nossa história, nosso dançar, nosso amar, nosso trabalho, nossas vidas (LORDE, 1984, p. 2).

Reduzir essa força latente somente ao sexo, não seria limitar e delegar os prazeres somente a ele? Gaard, inspirada pelas ideias de Lorde, comenta: “por erótico não me refiro exclusivamente à sexualidade, mas também de forma mais geral à sensualidade, espontaneidade, paixão, alegria e estimulação prazerosa”. (GAARD, 2011, p. 202)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas Artes Visuais, a Arte Erótica é conhecida por retratar ações sexuais e exhibir corpos sexualizando-os. Mas aqui, enfatizo o erótico enquanto essa força energética que impulsiona mulheres trabalhadoras, mães, arte educadoras, artistas, pesquisadoras, a obter prazer em todas as áreas de suas vidas, a fim de ter uma vida mais saudável e menos frustrante.

Com o toque do erótico dentro de nós mesmas, podemos experienciar nossos sentimentos mais profundos de desejo. Na prática artística isso pode ser uma potencial força criadora. Sobre isso, a Dr^a Roberta Stubs, diz que a heterossexualidade compulsória impõe suas práticas e desejos sobre outros corpos que não se adequem a essa regra. E que, “a pulsação do desejo corrompe essa regra ao desejar tudo que amplia suas forças e suas conexões com o prazer, tudo que aciona a vibratibilidade do corpo ao transformá-lo num corpo desejante, ao aproximá-lo de sua potência de expansão”. (STUBS, 2015 p. 224)

Sendo assim, ao pensarmos em qualquer produção artística impulsionada pelo erótico, pelos desejos íntimos dos corpos, podemos dizer que o erótico não está apenas ligado a prática artística, como sugere Audre Lorde (p. 3 1984), mas também ao objeto criado - como no caso da cerâmica. Essa linha de pensamento, abre um caminho possível para considerar uma estética do erótico, pensando na materialidade do mesmo. Roberta, aborda as questões concernentes da Estética Feminista, que para a artista, significa:

Uma coragem de criar-se cujo ímpeto inventivo e transformador pode ser considerado a característica maior de uma estética feminista. Com um olhar mais apurado para o campo das artes visuais, vemos que uma estética feminista se vale da experiência de ser mulher para ultrapassar os limites impostos ao gênero feminino. E a partir dessa posição é possível recontar a história da arte, repensar a categoria mulher, se reapropriar do próprio corpo e, principalmente, apontar horizontes éticos nos quais uma multiplicidade de minorias ganhe voz, vez e visibilidade. (STUBS, 2015, p. 39)

Seguindo as considerações de Roberta Stubs sobre a Estética Feminista, podemos traçar um paralelo com o erótico e a teoria feminista abordada até aqui. A Estética Feminista, definitivamente, conversa com o que se entende como erótico, pois se “falamos de algo ou alguém vivo, múltiplo e desejante que expande suas forças num plano de coexistência de heterogeneidades” (STUBS, 2015 p. 191), falamos no poder erótico.

Sendo assim, existe então, uma Estética do Erótico? Durante a pesquisa, não encontrei nenhuma referência que pudesse refletir acerca de uma possível Estética ou de uma materialidade outra, relativa ao erótico. Mas se existe essa materialidade, ela deve de alguma forma, estar em discordância com o sistema

capitalista e patriarcal em que vivemos, evidenciando seu valor erótico, pois segundo Lorde (1984):

O principal horror de qualquer sistema que define o bom em termos de lucro ao invés de em termos de necessidade humana, ou que define a necessidade humana pela exclusão dos componentes psíquicos e emocionais dela – o principal horror de tal sistema é que rouba de nosso trabalho seu valor erótico, seu poder erótico e interesse e plenitude da vida. Tal sistema reduz trabalho a uma caricatura de necessidades, um dever pelo qual ganhamos pão ou esquecimento de nós mesmas e de quem amamos. Mas isso é o mesmo que cegar uma pintora e dizer a ela que melhore sua obra, e que goste do ato de pintar. Isso não é só perto do impossível, é também profundamente cruel (LORDE, 1984, p. 2).

Sobre minhas experiências com a cerâmica, iniciei fazendo pequenas vulvas, e fui mudando para objetos um pouco mais subjetivos e/ou menos figurativos, ao longo do tempo. A cada peça um novo objetivo se iniciava, tanto pela excitação de aprender sobre o material, tanto de descobrir novas técnicas, formas, sensações, desejos, etc. Toda essa gama de novidades, vem sendo uma aventura co-existencial, entre eu e o barro. Sendo unicamente possível que transcorra dessa maneira, devido “la propiedad maravillosa y casi mágica de que goza la arcilla: la plasticidad, es decir, su propiedad de dejarse modelar fácilmente en húmedo y de conservar la forma que se le dé, endureciéndose al fuego, hasta convertirse en un material casi eterno”. (CHITI, 1987, p. 11)

Essa relação com a cerâmica não deixa de ser uma relação estética, que abarca toda a bagagem de vivências que já tive, e que preenche, modifica, renova essa bagagem a cada nova experimentação. Sobre isso, Roberta nos explica que:

A cada experiência estética nasce também um outro “sujeito” da experiência. Há um trabalho tanto por parte do artista, que cria sua obra numa relação sensível e estética com a experiência que poderá proporcionar ao “receptor”, quanto por parte daquele que recebe a obra e abre seu corpo e suas percepções para criar e imergir numa experiência singular. Neste trabalho de abertura e criação de novas experiências recorremos aos esquemas corporais que já existem em nossa pele, à nossa experiência prévia já inscrita em nosso corpo. (STUBS, 2015 p. 195)

Lembremos aqui das dicotomias! Nesse exercício experimental com a cerâmica, fica evidente a falsa divisão entre mente e corpo. Durante todo o processo, me encontro ciente, consciente, refletindo a cada ação, a cada gesto e a cada sensação interna. “Se referir à “interioridade” como o lado de dentro do lado de fora é uma forma de dizer que há mais conexão entre essas partes do que dissociação, fato que denota movimentos e processualidades que nos interessam enquanto força de criação e invenção”. (STUBS, 2015 p. 215)

4. CONCLUSÕES

Sendo assim, a experimentação é justamente a alternativa à dicotomia, é uma experiência de si, que busca o pensamento descolonial, se desprendendo do

“masculinismo do sujeito soberano moderno para produzir outras reflexões, outros recursos intelectuais que nos sejam necessários”. (RIBEIRO, 2017, p. 211)

A base de qualquer experiência, se encontra no processo. Entre erros e acertos, entre ações propositadas e/ou despropositadas, entre a fluidez e o hiato, entre simultaneidades e/ou fragmentações, mas acima de tudo “menos disposta a aceitar desempoderamento, ou esses outros estados fornecidos de ser” que não me concernem “tais como resignação, desespero, autoaniquilamento, depressão, autonegação” (LORDE, 1984, p. 3). Me sinto como uma argila úmida, maleável, se estruturando, construindo o erótico dentro de mim, dia após dia, rumo à resistência e resiliência de uma cerâmica finalizada.

O erótico é sem dúvida um tipo de revolução sensível que acontece de dentro para fora, das lutas internas para o espaço cotidiano e a arte ferramenta libertadora de corpos, prazeres e desejos. Ambas fazem do pessoal o político. Ambas devem caminhar junto das teorias feministas em busca de novas sensações, novos saberes, novos modos de produzir arte, e, novos modos de ensinar. Dentro dos novos modos de produzir, certamente destaco a vontade própria, sem preocupações mercadológicas e institucionalizadas. E, salientando ainda, que tudo que aprendi até aqui é o início de uma jornada de ensino-aprendizagem arraigada no possível-sensível que pretendo passar às minhas futuras alunas/aos meus futuros alunos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHITI, Jorge Fernandez. **Curso práctico de cerámica: artística y artesanal**, tomo 1. 6. ed. Argentina: Condorhuasi, 1995.

GAARD, Greta Claire. Rumo ao ecofeminismo *queer*. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 19, n.1, p. 197-223. Jan/Abril. 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2011000100015>> Acesso em: 16.06.2019.

LORDE, Audre. **Usos do erótico: o erótico como poder**. Traduzido por Tate Ann. *Uses of the Erotic: The Erotic as Power*, in: LORDE, Audre. *Sister outsider: essays and speeches*. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984.

RIBEIRO, Loredana. Crítica feminista, arqueologia e descolonialidade. **Revista de Arqueologia**, v. 30, n. 1, p. 210-234, jul. 2017. ISSN 1982-1999. Disponível em: <<https://www.revista.sabnet.com.br/revista/index.php/SAB/article/view/517>>. Acesso em: 25. 06. 2019.

STUBS, Roberta. **A/r/tografia de um corpo-experiência: arte contemporânea, feminismos e produção de subjetividade**. 2015. 276 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/136107>> Acesso em: 07.08.2019.